

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 3 Setembro – Dezembro 2020
Edição Especial: Gestão de Acervos Arqueológicos

ARTIGO

UMA NOVA POLÍTICA PARA UM ANTIGO ACERVO: A REDESCOBERTA DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU GOELDI

Helena Pinto Lima*, Cristiana Barreto**

RESUMO

Este artigo apresenta a coleção arqueológica do Museu Goeldi sob a perspectiva da nova política de acervo, que está em processo de construção pela equipe de curadoria da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. Esta renovada orientação, mais voltada à extroversão, busca, entre outras coisas, reconectar os objetos aos seus contextos originais e documentações, visando oferecer novas possibilidades para sua conexão com diferentes grupos sociais. Particularmente, ao requalificar os objetos e coleções em seus aspectos relacionais, buscamos potencializar a pluralidade de formas de leituras, percepções e ressignificações do patrimônio arqueológico salvaguardado na instituição. Consideramos ainda a necessidade premente de um maior engajamento digital para fins de documentação de comunicação.

Palavras-chave: acervos arqueológicos; curadoria; Arqueologia Amazônica.

* Museu Paraense Emílio Goeldi, Pesquisadora e Curadora, Docente do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural. E-mail: helenalima@museu-goeldi.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5787-7231>.

** Museu Paraense Emílio Goeldi, Programa de Capacitação Institucional (PCI/CNPq), Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural. E-mail: cristianabarreto@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5842-3418>

A NEW POLICY FOR AN OLD COLLECTION: THE REDISCOVERY OF THE ARCHAEOLOGICAL COLLECTIONS OF THE GOELDI MUSEUM

ABSTRACT

This article presents the archaeological collection of the Goeldi Museum from the perspective of the new collection policy, which is under construction by the curatorial team of the Mário Ferreira Simões Technical Reserve. This renewed orientation, more outreach-oriented, seeks to reconnect objects to their original contexts and documentation, aiming to offer new possibilities for their connection with different social groups. When requalifying objects and collections in their relational aspects, we seek to enhance the plurality of forms of readings, perceptions, and reinterpretations of the archaeological heritage safeguarded in the institution. We also consider the urgent need for greater digital engagement for communication and documentation purposes.

Keywords: archaeological collections; curatorship; Amazonian Archaeology.

UNA NUEVA POLÍTICA PARA UN ACERVO ANTIGUO: EL REDESCUBRIMIENTO DE LAS COLECCIONES ARQUEOLÓGICAS DEL MUSEO GOELDI

RESUMEN

Este artículo presenta la colección arqueológica del Museo Goeldi desde la perspectiva de la nueva política de colecciones, que está en construcción por el equipo curatorial de la Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. Esta orientación renovada, más centrada en la extroversión, busca, entre otras cosas, reconectar los objetos con sus contextos y documentación originales, con el objetivo de ofrecer nuevas posibilidades para su conexión con diferentes grupos sociales. En particular, al recalificar objetos y colecciones en sus aspectos relacionales, buscamos potenciar la pluralidad de formas de lecturas, percepciones y resignificaciones del patrimonio arqueológico resguardado en la institución. También consideramos la necesidad urgente de una mayor participación digital para fines de documentación de comunicaciones.

Palabras clave: colecciones arqueológicas; curaduría; Arqueología Amazónica.

INTRODUÇÃO: ACERVOS EM CHAMAS

No contexto atual brasileiro, cuidar de acervos culturais é tão fascinante quanto tremendamente desafiador. Basta lembrar os desastrosos incêndios ocorridos no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) em 2018 e no Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais (MHN/UFMG) em 2020. Quando um acervo cultural se incendeia, a materialidade dos artefatos arde em chamas, mas a imaterialidade dos seus simbolismos e significados pode ser recuperada e revitalizada por meio das pessoas que se encarregam de sua salvaguarda e sua socialização, em ações que promovam o resgate de histórias, memórias e de afetos. E são as pessoas, acima de tudo, que fazem e conectam um museu aos seus públicos.

As duas tragédias acima referidas partilham um contexto que diz respeito à maioria dos museus (senão todos) e instituições de ensino e pesquisa brasileiros, que têm em comum o enfrentamento de um longo processo de desmonte e sucateamento, deliberadamente acentuado nos tempos atuais. A desestruturação dessas instituições evidencia a atual política de governo que visa criar uma espécie de ‘anti-memória’ (ou uma memória enviesada) para o povo brasileiro. Por outro lado, a resiliência necessária para passar por tempos difíceis nos torna mais fortes, enquanto uma sociedade consciente de sua história e sua memória. Nesse campo, a arqueologia se coloca como uma ferramenta poderosa na medida em que traz à luz passados que, por muito tempo, foram silenciados e que tais premissas insistem em apagar (NEVES, 2018; ROCHA *et al.*, 2014).

Nesse sentido, propomos com este artigo discutir as políticas de acervo voltadas às coleções arqueológicas do Museu Goeldi, que vêm passando por uma grande revisão nos últimos anos. Essa renovada orientação, mais voltada à extroversão, busca, entre outras coisas, reconectar os objetos aos seus contextos originais e documentações, visando oferecer novas possibilidades para sua conexão com diferentes grupos sociais. Particularmente, ao requalificar os objetos e coleções em seus aspectos relacionais, buscamos potencializar a pluralidade de leituras, percepções e ressignificações do patrimônio arqueológico salvaguardado na instituição. E, com isso, possibilitar a criação de narrativas alternativas à chamada “história oficial do Brasil”, ressaltando a longuíssima duração das histórias indígenas da Amazônia e a diversidade de formas de interação desses povos com a natureza.

A coleção arqueológica do Museu Goeldi é um importante testemunho da história indígena da Amazônia e agrega em si muitas camadas de conhecimentos, interpretações e usos. Volumosa e diversa, a sua gestão se coloca como um constante desafio. Entendemos que, por se tratar de um bem da união, um patrimônio plural e pertencente a todos, temos a missão de salvaguardar e de tornar esse importante testemunho de nossa história público, conhecido e acessível a todas as pessoas.

Visamos, com as diversas ações e projetos em andamento e previstos para o futuro, fomentar produção de conhecimento sobre os acervos de forma mais integrada e contextualizada; e também solidificar a política de gestão, acesso e socialização dos acervos culturais do Museu Goeldi, tanto físico como em meios digitais. Esse é um projeto ambicioso, que se encontra em fase inicial e se coloca como mais um desafio à equipe de curadoria do Museu.

Mais do que isso, propomos, a partir de nossa experiência no Museu Goeldi, avançar nas reflexões contemporâneas sobre as formas de acesso, uso, gerenciamento do chamado patrimônio arqueológico, bem como, nas formas de construção de conhecimentos a partir dele por diferentes coletivos, dos quais os arqueólogos são apenas uma parte (CABRAL, 2014; WICHERS, 2010). Avançar nesse sentido significa buscar

uma desalienação social dos processos de pesquisa e educação em torno do patrimônio cultural e do gerenciamento das coleções geradas (CABRAL *et al.*, 2018).

A nova perspectiva visa desenvolver um programa curatorial integrado, que leve em consideração as funções primárias dos museus (preservar, pesquisar e comunicar), mas envolvendo diretamente as comunidades nesse processo. Esse tipo de orientação condiz com uma movimentação mais ampla dos museus no Brasil e no mundo (IPHAN, 2018; SBM, IBRAM, 2020). Lembramos que a gestão do patrimônio arqueológico como campo de pesquisa não é uma novidade. Arqueólogos pioneiros, como Maria Lúcia de Franco Pardi (2010) e André Penin (LIMA, 2010) (*in memoriam*), não só fizeram da gestão de acervos uma militância, mas também formularam reflexões importantes na interface da pesquisa e da gestão do patrimônio cultural, algo que vem se consolidando enquanto tal ao longo dos últimos anos, como se vê em trabalhos recentes (BRUNO, 2019; VASCONCELOS; ALCÂNTARA, 2017; MILHEIRA *et al.*, 2017; PEREIRA, 2017; ACERVOS DA SAB, 2017).

Como a maioria das instituições de pesquisa no Brasil, nosso quadro de pessoal trabalhando na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões (RTMFS/MPEG) é extremamente reduzido. Contudo, por meio de parcerias, temos conseguido fomentar e desenvolver pesquisas junto ao acervo arqueológico no que tange à importante interseção dos campos da arqueologia, da museologia, e da conservação e restauro. Temos usado diferentes mecanismos para o desenvolvimento da gestão das coleções, enquanto um campo de pesquisa. Entre eles, está o direcionamento de mestrados, de bolsas de pesquisa e de iniciação científica para essa finalidade. As parcerias interinstitucionais vão além da necessidade de suprir a real carência de recursos humanos para atividades rotineiras da curadoria do acervo. Mas, antes, elas têm buscado colocar a gestão da coleção, incluindo sua salvaguarda, extroversão e restauro, como temas para pesquisa *stricto sensu* (LIMA; CUNHA, 2017; MAIA *et al*, *no prelo*; SALES; VICENTE, 2019; SIMAS *et al.*, 2019).

E é a partir dessas pesquisas, viabilizadas por parcerias, mas, sobretudo, por pessoas, que temos conseguido avançar na missão institucional do Museu Goeldi de “gerar e comunicar conhecimentos sobre os sistemas naturais e os processos socioculturais relacionados à Amazônia” (MPEG, 2017); bem como, nas reflexões sobre nossas políticas para o acervo arqueológico salvaguardado na instituição, as quais compartilhamos neste texto.

A REDESCOBERTA DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO MUSEU GOELDI

As coleções arqueológicas do Museu Goeldi são fruto de mais de 150 anos de pesquisas e colecionamento. Elas materializam a própria história da arqueologia na Amazônia, na qual o Museu teve um relevante protagonismo. Desde as práticas marcadas por uma boa dose de colonialismo interno, ainda no século 19, até a visão pioneira de Eduardo Galvão de formar acervos antropológicos que integravam coleções arqueológicas e etnográficas, o museu sempre se destacou na gestão de acervos arqueológicos. É de se salientar ainda a pioneira implantação de metodologias de pesquisa mais sistemáticas trazidas pelos pesquisadores norte-americanos Meggers e Evans, no longo programa de pesquisas levado a cabo por Mário Simões, e que de fato criou as estruturas mais permanentes de curadoria e gestão nas quais os acervos estão organizados até hoje.

A gestão desse acervo enorme e variado, formado ao longo dessa história, apresenta muitos desafios, sendo o maior deles trazer o museu para o século 21, repensando, para além das formas de cuidado com o acervo, as maneiras de aproximar as coleções junto aos públicos e descolonizar os olhares sobre o passado e o presente da Amazônia (LIMA *et al.*, 2018).

Isso só é possível agora em função do que já se alcançou em períodos anteriores, ao longo de décadas de trabalho para o gerenciamento, monitoramento e segurança do acervo. Ações anteriores, especialmente nas áreas de documentação (por Regina Farias e Mário Simões) e conservação preventiva (por Vera Guapindaia e Maura Imazio) (PEREIRA, 2009; DA SILVEIRA *et al.*, 2017; SIMÕES, 1977), permitem agora explorar novas frentes na potencialização das coleções, sobretudo em relação a sua socialização. Pois, embora seja um acervo gerado por práticas científicas de excelência, associado a uma grande riqueza de dados arqueológicos, é um acervo ainda pouco conhecido pelo público em geral. Por essa razão, a atual política de acervo da RTMFS tem priorizado as ações de extroversão junto a diferentes públicos.

Entendemos que a reorientação das ações curatoriais que visam conectar as coleções às comunidades, para quem esse acervo importa hoje, começa mesmo dentro da reserva técnica. Um passo importante nessa direção foi a criação, ainda em 2015/16, de uma reserva técnica visitável, com parte do acervo exposto em armários/vitrines, plataformas e prateleiras abertas. Essa configuração, juntamente com uma programação visual adequada (incluindo mapas e cronologias), bem como materiais de apoio, permitiu uma qualificação das visitas guiadas a pequenos grupos de pesquisadores, estudantes, artesãos e ao público em geral. Essa já era uma demanda grande que se colocava à curadoria. Concordamos com Pereira quanto à definição de reserva técnica visitável: “não é somente seu acesso ao público, mas um conjunto de características que a configura como um espaço que consiga tornar as coleções salvaguardadas passíveis à construção de conhecimentos por parte do público em geral” (PEREIRA, 2017, p. 71). Porque, ainda segundo a autora, “a abertura pela abertura não modifica as visões sobre o patrimônio, pois é preciso criar um ambiente propício para essa função” (PEREIRA, 2017, p. 71).

Na RTMFS, a partir de uma curadoria mais voltada aos aspectos relacionais entre o acervo e o público, o visitante tem acesso a um conjunto excepcional de peças arqueológicas: as das vitrines, que foram selecionadas de forma a representar as diferentes culturas arqueológicas da bacia amazônica, em um movimento de subida do grande rio. As peças mais volumosas estão acondicionadas sobre plataformas deslizantes, e são na maioria grandes urnas funerárias marajoaras que causam grande impacto visual. As peças das prateleiras abertas são objetos inteiros ou semi-inteiros. Para além dessas peças inteiras e maiores, tem-se a vista dos longos corredores com armários repletos de caixas e contentores plásticos etiquetados de forma padronizada com siglas enigmáticas ao grande público. Mesmo entendendo que a reserva técnica, enquanto espaço de apresentação, não se sobreponha às funções das exposições, é preciso refletir sobre os diferentes modos de visibilidade do acervo na reserva, considerando sobretudo o potencial didático das visitas.

E foi justamente ao abrirmos as portas da reserva, que aos poucos fomos reconhecendo algumas das práticas curatoriais anteriores que silenciavam os objetos, que os isolavam de seus contextos originais, e assim desfavoreciam a construção de narrativas multivocais e propositivas sobre o longo passado da Amazônia.

O primeiro inventário do acervo especificamente arqueológico de que se tem registro é de 1955. Naquela época, o acervo era composto de 34.282 objetos, sendo 34.000 fragmentos e 282 objetos inteiros, ou em condições de fácil restauração, esses procedentes do Amapá, da ilha de Marajó, de Porto de Moz, de Santarém, de Miracanguera e de Manaus (VELTHEM; GUAPINDAIA, 2006, p. 34). Tal quantificação foi posteriormente reestimada em 120 mil objetos (inteiros e parcialmente fragmentados) e cerca de 2 milhões de fragmentos de artefatos (SILVEIRA *et al.*, 2014). Atualmente, a partir de um inventário extensivo que se encontra em andamento baseado em diferentes formas de considerar objetos, conjuntos de objetos inteiros e semi-inteiros, e fragmentos,

indicamos que a estimativa quantitativa de maior precisão sobre acervo arqueológico da RTMFS/MPEG é de 4.100 objetos inteiros e cerca de 1,5 milhões de fragmentos. Esses fragmentos estão dispostos em aproximadamente 5 mil caixas, que guardam ainda líticos, e considerável quantidade de material ósseo, botânico e malacológico. Peças de menor volume, mas com grande relevância (como fragmentos cerâmicos do sítio Taperinha pesquisados por F. Hartt, que estão entre as mais antigas das Américas, além de contas de colar, muiraquitãs, pontas de projétil, entre outros), são acondicionados nos cofres com controle rígido e limitado de acesso.

São acervos na maioria provenientes de pesquisas de contextos pré-coloniais, ou de colecionamentos e doações de diversas naturezas que ocorreram ao longo da história do museu. Há também coleções históricas importantes, com louças, vidros, metais e materiais de construção variados, provenientes de projetos de pesquisa sobre os contextos coloniais de Belém e arredores, de grande potencial de conexão com o público.

Assim, um primeiro desafio importante está na própria construção da ideia do que é (ou são) a(s) arqueologia(s) amazônica(s); e com que tipo de materiais elas lidam, para além das belas cerâmicas marajoaras e tapajônicas que em geral são mostradas nas exposições. Ao privilegiar a visibilidade de determinados objetos, em geral, inteiros, esteticamente atraentes e antigos, estamos silenciando uma parte importante de nossas práticas científicas que cotidianamente lidam com fragmentos, objetos incompletos, e amostras variadas que ficam soterradas nas caixas e prateleiras dos museus. Como dar visibilidade a estes materiais de forma a mostrar que é, na verdade, a partir deles que se constrói a maior parte das narrativas arqueológicas; e que talvez essa incompletude esteja justamente na raiz do caráter interpretativo da disciplina?

Na década de 1940, as coleções de arqueologia e etnografia do Museu Goeldi foram registradas no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), adquirindo também um valor histórico no colecionismo museológico brasileiro. Outro aspecto histórico importante da coleção se refere ao fato de o Museu Goeldi ter sido a sede do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA) (1976-1981), que na sequência do PRONAPA (1965-1970), propôs todo o sistema de classificação de áreas culturais, tradições e fases, e a catalogação e numeração de sítios arqueológicos e materiais provenientes (SIMÕES, 1977). Esse sistema, ou suas derivações, é adotado até hoje em alguns projetos do museu e em muitas outras instituições brasileiras, incluindo o próprio IPHAN. Além disso, implantou-se vários procedimentos importantes de curadoria, como, por exemplo, a formação de “coleções tipo”.

Como se vê, as coleções guardam muitas camadas de significados, que extrapolam em muito a materialidade dos objetos. Sendo assim, como visibilizar essas outras dimensões das coleções, como a dimensão histórica dos colecionamentos? Será suficiente nomearmos coleções pelos nomes de alguns ilustres colecionadores ou pesquisadores?

A experiência de visita também nos mostrou que alguns objetos chamam mais a atenção, sobretudo por sua alta carga simbólica. Urnas funerárias, por exemplo, despertam uma enorme curiosidade junto ao público, assim como os vestígios ósseos humanos, os quais, logo após a abertura da reserva, foram cobertos e não estão mais expostos, por questões éticas. Além da curiosidade do público em geral, esses materiais funerários também causam certo desconforto e estranheza entre visitantes indígenas, trazendo à tona questões de como acondicionar, mostrar (ou não) e qualificar esses materiais culturalmente sensíveis.

As reservas técnicas de arqueologia são em geral repletas de materiais funerários. Na RTMFS não é diferente. Percebemos que a maneira como eles estavam alocados, em geral organizados por tamanho ou por coleção, nem sempre nos permitiam falar dos

contextos desses objetos. Por questões de conservação e acondicionamento, peças pertencentes à mesma cultura, ao mesmo contexto (como as tampas das urnas ou seus conteúdos) se encontram tão dispersas e individualizadas na reserva que seu status de testemunho de um determinado contexto, formado por todo um conjunto de vestígios, acaba minimizado. Exemplo disso é o que vemos no imaginário do público em relação ao que se entende pelo objeto “urna”, ou “urna marajoara”, que carrega muito mais a ideia de antigas cerâmicas elaboradas, e menos a de serem objetos funerários (SCHAAN, 2012; BARRETO, 2013; BEZERRA, 2014).

Assim, vemos que um aspecto importante que influi no silenciamento dos objetos dentro das reservas é o isolamento físico e a individualização de objetos, separados dos conjuntos maiores ou contextos dos quais eles fazem parte. Isso nos levou também à reflexão sobre o que propriamente define as coleções arqueológicas do Museu Goeldi enquanto coleções e como os objetos estão agrupados tanto dentro da reserva técnica como nas categorias de catalogação.

De fato, a natureza do que se tem considerado “coleções” é bastante variada. São agrupamentos de materiais provenientes de uma ampla gama de práticas de pesquisa e colecionamento, nomeadas sob diferentes critérios que foram mudando ao longo do tempo. Grosso modo, temos as coleções mais antigas, que levam o nome dos coletores ou doadores (as coleções autorais), como, por exemplo, as coleções Curt Nimuendaju ou Frederico Barata; a partir dos anos 1960, temos as coleções provenientes de pesquisas do PRONAPABA, curadas de forma padronizada, por região arqueológica, além das coleções “tipo”; as coleções mais recentes levam os nomes dos projetos de pesquisa desenvolvidos por pesquisadores do Museu. Entrecortando esses fluidos contornos cronológicos, há uma miscelânea enorme de materiais doados e em comodato, de materiais de referência zoobotânica, de amostras de solos e carvão, de réplicas, etc. Como encontrar princípios ordenadores de visibilidade das coleções dentro da reserva?

Figura 1 – Aspectos da reserva técnica visitável, Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fotos: Acervo RTMFS/MPEG (2016).



O LUGAR DAS COISAS: REPENSANDO A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO ACERVO DENTRO DE UMA RESERVA TÉCNICA PARCIALMENTE VISITÁVEL

Considerando as questões acima anotadas e as características das coleções arqueológicas do MPEG, compartilhamos aqui alguns aspectos do enorme desafio pelo qual estamos passando neste momento, que é o da reorganização física de nossa reserva técnica. Desde 2015, vínhamos implementando uma série de melhorias de infraestrutura e segurança, como o sistema de detecção e prevenção contra incêndios, a instalação de fechaduras eletrônicas, e a substituição de estantes fixas por deslizantes. Com a ampliação do espaço físico, essas mudanças requerem, agora, uma grande movimentação da coleção. Entendemos essa necessária movimentação como uma boa oportunidade para repensar

a espacialização das coleções na reserva como um todo. Para isso, traçamos um plano de realocação do acervo, guiado por uma série de critérios, privilegiando os contextos originais em que os objetos foram produzidos, descartados e coletados.

Hoje, depois de ampliada, a RTMFS possui dois espaços contíguos destinados à guarda de acervos, totalizando uma área de 540 m², além dos setores de documentação e laboratórios. A equipe de curadoria mantém o controle ambiental por meio de aparelhos de ar-condicionado em funcionamento constante, com o clima monitorado por meio de *dataloggers*. “À essa equipe compete ainda apoiar estudos e pesquisas arqueológicas na Amazônia, receber materiais provenientes de pesquisas científicas, de doações, mantendo as condições de conservação e segurança, bem como divulgar/socializar os bens culturais salvaguardados” (LIMA *et al.*, 2018). Com essa ampliação de área, aumentamos consideravelmente a capacidade de guarda de coleções, o que nos levou a uma revisão da nossa política de endosso institucional a projetos de arqueologia. Até então, somente projetos de pesquisadores da casa eram apoiados. Na nova perspectiva, entendemos a própria função social do museu frente à escassez de instituições de guarda habilitadas pelo IPHAN no Pará, e passamos a avaliar a oferta de endossos a outros projetos de arqueologia.

Em que se pesem as especificidades das coleções arqueológicas do Museu Goeldi, é preciso avaliar as possibilidades de associações entre objetos que possam contemplar tanto a especificidade dos objetos em si, como as associações entre um conjunto de objetos e seus registros. Isso implica considerar o histórico das pesquisas e metodologias típicas aplicadas na arqueologia da região. Um exemplo disso são as “coleções tipo”, organizadas no período Meggers / Simões no Museu Goeldi, em que, a cada nova classificação de fase ou tradição cerâmica, se criava uma pequena coleção à parte com os principais elementos diagnósticos. Além das diferentes metodologias que podem ser contempladas nas formas de catalogação, existem também os temas iminentes ao histórico da pesquisa arqueológica na Amazônia. Tais temas, como a antiguidade da ocupação humana na região, a diversidade cultural expressa nas diferentes tecnologias, nos estilos cerâmicos e na arte rupestre, ou a antropização dos solos e da floresta, podem associar objetos, ou conjuntos de objetos, de diferentes maneiras.

A decisão de “o que vai aonde” logo se tornou um verdadeiro quebra-cabeças. Ficou claro que inicialmente deveríamos ter um mapeamento detalhado de todo o acervo para primeiro sabermos “o que está aonde”, incluindo dados quantitativos de número e volume de caixas, número de peças inteiras (categorizadas por peças grandes, médias e pequenas), coleção, proveniência, data de entrada e etc. Uma vez feito o inventário, numeramos e etiquetamos fisicamente as mais de 9 mil caixas e peças inteiras de maior porte. Com base nessas estimativas quantitativas gerais (quantas caixas por coleção, etc.), começamos o nosso jogo de “mexe-mexe” no papel até chegarmos a um mapa inicial de realocação das diferentes coleções. Muitos dilemas se mostraram no caminho: colocamos as coleções de Meggers e Evans nas coleções autorais ou junto com as outras coleções marajoaras? E assim por diante...

Definimos que a nova sala da reserva ficaria fora da arena de visibilidade do visitante, e seria, assim, um lugar ideal para abrigar parte dos acervos sensíveis, como os enterramentos primários, vestígios orgânicos, bem como as coleções que remetem ao período colonial, muitas das quais com objetos metálicos. Em função da visitação que continuará ocorrendo nessa primeira sala da reserva, manteremos algum destaque às cerâmicas marajoaras, uma vez que elas compõem grande parte do acervo e que há uma identificação do público paraense muito forte com esses materiais. Mas nesse caso, além de mantermos as urnas funerárias já expostas sobre as plataformas, procuramos trazer todas as outras coleções marajoaras para os armários contíguos às plataformas. Assim,

podemos mostrar ao visitante, não só as urnas funerárias, mas toda uma variedade de objetos que compõem o amplo repertório marajoara.

Do outro lado dessa sala, no lugar das estantes fixas, teremos também plataformas deslizantes, sobre as quais estarão as urnas da cultura Maracá, formando um interessante contraponto com o material marajoara, permitindo mostrar um pouco da diversidade cultural das coleções.

Figura 2 – Aspectos organizacionais e espaciais da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fotos: Acervo RTMFS/MPEG (2014, 2016).



Para além da visitação (e, portanto, do seu potencial didático), pensamos que existe também uma questão ética; sobretudo para contextos que envolvem materiais simbolicamente sensíveis, como os funerários. Nesse sentido, reaproximar as urnas de acordo com seus contextos, reassociando-as especialmente aos seus conteúdos ósseos, é de alguma forma respeitar as intenções nativas do passado indígena. É um esforço na direção de uma abordagem decolonial na curadoria de coleções arqueológicas. Para tal, pensamos sobretudo na nossa enorme coleção de urnas funerárias da cultura Maracá e seus conjuntos de ossos de indivíduos correspondentes. Uma vez que não seria adequado, do ponto de vista da conservação, realocá-los no interior das urnas, planejamos agrupá-las de acordo com os sítios de origem e alocar essas urnas sobre as plataformas, que foram planejadas com módulos de gavetas na base, onde poderão ser alocados os ossos correspondentes a cada urna. Assim, os ossos não ficarão visíveis ao público, mas continuarão a estar espacialmente associados às urnas respectivas.

Junto aos critérios de reaproximação de materiais culturais provenientes de um mesmo contexto, outros critérios foram ainda considerados, como reunir na maior proximidade possível materiais oriundos de uma mesma região, de uma mesma cultura, coletados por um mesmo projeto de pesquisa, ou ainda doados por um mesmo colecionador, etc.

Permeando os critérios de recontextualização e ressignificação dos objetos, estão os critérios de ordem mais técnica, de conservação, acondicionamento, tamanho das peças em função dos espaços disponíveis nos armários e plataformas. Daí a necessidade de alocarmos os materiais sensíveis (orgânicos, metais, ossos, etc.) em ambientes mais controlados, nas pontas dos corredores, mais próximos às paredes, onde serão instalados os desumidificadores, mas sempre junto com os demais materiais dos mesmos contextos. Essa solução nos parece uma forma de desfazer uma falsa dicotomia entre preservação e contextualização.

No conjunto de soluções adotadas, nos pautamos em discussões advindas tanto da área da Conservação e Restauro, sobre a ideia de que se deve considerar a integridade do patrimônio para além da sua materialidade, como em experiências de outros museus. Conforme apontaram Vasconcelos e Granato (2017, p. 104):

A declaração de Nara, ao se distanciar da ideia da integridade física como fator indispensável à autenticidade de um bem, corrobora uma mudança de perspectiva em relação aos bens culturais móveis. De acordo com Wharton (2005), a conservação contemporânea considera que a autenticidade não reside em um “estado genuíno”, mas sim em cada estágio da trajetória do objeto, incluindo suas representações, réplicas, e as relações com as comunidades. Os códigos de ética da Austrália e do Canadá, ao trazerem em seu conteúdo a ideia de considerar os aspectos espirituais e sentimentais dos objetos e a colaboração das comunidades relacionadas a estes, denotam a influência da Declaração de Nara, que ampliou ainda mais a noção de integridade ao falar da cultura como elemento dinâmico, que se transforma através de seus agentes.

Outro aspecto importante da nova política de ressignificação da coleção está na relação entre os objetos e sua documentação; e, sobretudo, na forma como a coleção é inventariada. Embora houvesse uma série de inventários e catálogos do acervo, construídos separadamente em aplicativos do microsoft access, não tínhamos até então uma visão integrada que relacionasse a organização espacial da reserva às diferentes naturezas das coleções. O mapeamento e inventário detalhado do acervo a partir de dentro da reserva levou sete meses para ser concluído, mas se tornou uma ferramenta de suma importância para melhor dimensionarmos e planejarmos a movimentação e as demais ações. Conforme já apontaram Silva e Silva (2016), a documentação por inventários ultrapassa seu valor como um instrumento de conservação, são ferramentas de pesquisa, acompanhamento, gestão e comunicação do patrimônio.

Assim, a perspectiva da reorganização física levou a uma necessidade de rever também as formas de documentação e de gerenciamento do acervo como um todo, de forma a abarcar todas as esferas da coleção. Além de incluir a própria documentação da coleção no que se considera como o conjunto do acervo arqueológico, o projeto em andamento prevê, ainda, a criação de um banco de dados integrado, relacionando o acervo físico à sua documentação, e que se presta tanto ao gerenciamento como também à extroversão digital.

Figura 3 – Equipe de curadoria e estagiários trabalhando na reserva técnica.
Fotos: Acervo RTMFS/MPEG (2020).



PARA ALÉM DOS MUROS DA RESERVA: CONEXÕES COM COMUNIDADES DIRETAMENTE ENVOLVIDAS COM AS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Como dito, as coleções existentes no Museu Goeldi guardam em si um infindável potencial científico, cultural, histórico e museológico, por certo já bastante explorado (VELTHEM *et al.*, 2019), mas que pode seguir sendo alvo de projetos de diferentes naturezas por ainda muitas gerações de pesquisadores.

Para os museus do século 21, a ressignificação e potencialização dos acervos implica não só o seu compartilhamento, mas sobretudo a reconsideração das relações do museu

com comunidades para as quais esses acervos importam, sob uma ótica decolonial, de forma colaborativa e inclusiva, fazendo com que o conhecimento gerado em torno de suas coleções seja de fato multivocal e plural. Nos últimos anos, o Museu Goeldi implementou dois projetos que avançam nessa direção: um junto a povos indígenas; e outro junto à comunidade de artesãos de Belém (LIMA *et al.*, 2018).

O primeiro, considera o próprio perfil e a trajetória do Museu Goeldi, que mantém uma longa tradição de pesquisa entre, e juntamente com, os diversos povos indígenas na Amazônia. Na nova política de acervo, estamos a redescobrir os objetos e a potencializar coleções recolhidas em diferentes momentos, junto com os povos indígenas.

As coleções oriundas das pesquisas realizadas no Território (antigo Parque) Indígena do Alto Xingu remontam ao longo histórico de mais de cinco décadas de trabalhos ligados ao MPEG na região, incluindo as coleções coletadas por Mário Ferreira Simões, vinculadas ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA, 1967) e também ligadas ao Projeto Etnoarqueológico Kuikuro do Alto Xingu, por Heckenberger, que atua na região por mais de 30 anos (HECKENBERGER, 2005; HECKENBERGER *et al.*, 2003; 2008). O atual Projeto Etnoarqueológico Kuikuro do Alto Xingu também vem guardando materiais coletados em pesquisas nos últimos anos na RTMFS/MPEG. Além disso, há também no Museu Goeldi as coleções etnográficas coletadas por Eduardo Galvão nos anos 1960. E é com base nessas coleções que se inicia a parceria com os Kuikuro, voltada à análise e curadoria colaborativa para fins de qualificação dos objetos e coleções no MPEG.

Nessa esfera, nos valem do arcabouço conceitual oriundo de experiências etnológicas de curadoria colaborativa com povos indígenas, que têm sido mais profundamente exploradas nos campos museológico e antropológico a partir de coleções etnográficas (p. ex. CURY, 2012; FRANÇOSO; BROEKHOVEN, 2017; GARCÉS *et al.*, 2014; SHEPARD *et al.*, 2017). Para a arqueologia, é uma experiência relativamente nova e igualmente promissora, mas que apresenta desafios próprios. Trabalhos com povos indígenas, como os desenvolvidos por M. Cabral (2014, 2015) junto aos Wajãpi; por F. Silva (2000, 2007) com os Assurini do Xingu; por J. Machado (2013, 2017) com povos Laklãnõ Xokleng de Santa Catarina; e também os trabalhos de M. Bezerra (2011) com comunidades ribeirinhas da Ilha do Marajó, configuram-se como fontes importantes de inspiração.

Uma primeira ação do projeto foi a vinda de dois indígenas (Yanama e Sepé Kuikuro) ao Museu Goeldi para trabalharmos juntos nas coleções Xinguanas da RTMFS. A proposta é a de procedermos às análises desses materiais arqueológicos e etnográficos conjuntamente com os Kuikuro e com outros povos do alto Xingu, numa perspectiva de perceber transformações na cultura material ao longo do tempo, bem como, suas formas particulares de inserção dentro de um complexo sistema de relações multiétnicas e multilinguísticas, que configura o sistema alto-xinguno, cujas origens remontam a mil anos atrás (FRANCHETTO; HECKENBERGER, 2001; FAUSTO, 2005; HECKENBERGER *et al.*, 2003; 2008).

Silva (2002) nos lembra que é preciso entender a incorporação dos vestígios arqueológicos no mundo indígena (independentemente de uma continuidade histórica comprovada por arqueólogos entre eles e aquelas populações que os produziram) como um dos aspectos da construção e manutenção da identidade étnica na medida em que tais vestígios são os elementos materiais que falam sobre a sua ancestralidade e contribuem para a manutenção da memória cultural. Esse tipo de entendimento, quando levado à sério em uma política de acervo, pode se revelar transformador. Pois, essas perspectivas, sensíveis à existência de outros modos de conhecer o passado, contribuem para uma virada teórica na arqueologia, em um movimento que pode ser comparável à virada

ontológica da etnologia ameríndia, quando esta compreendeu a existência de entendimentos únicos, e decididamente não ocidentais, dos povos amazônicos sobre as interrelações agentivas entre seres humanos e a natureza (DOS REIS; CABRAL, 2018; LIMA; SHEPARD, *no prelo*).

Figura 4 – Experiência inicial de curadoria colaborativa com Yanama e Sepé Kuikuro na coleção Xinguana em março de 2020. Fotos: Acervo RTMFS/MPEG (2020).



Outro projeto em andamento vem estabelecendo parcerias com ceramistas locais, para os quais as cerâmicas arqueológicas do Museu Goeldi são a principal fonte de inspiração para a sua produção artesanal. Essas parcerias se dão tanto de forma mais estruturada – como no projeto “Replicando o Passado: socialização das coleções do acervo arqueológico do Museu Goeldi através do artesanato cerâmico de Icoaraci” – quanto na relação com coletivos que veem, sobretudo na cerâmica marajoara, um elemento de reafirmação de suas identidades locais.

No projeto “Replicando o Passado” (LIMA *et al.*, 2018), a parceria se dá em torno da confecção de réplicas artesanais de peças do Museu, que além de comporem coleções didáticas para o Museu e para a comunidade de Icoaraci – um importante polo de artesanato cerâmico em Belém –, gera também uma intensa troca de conhecimentos sobre tecnologias cerâmicas do passado e do presente. Os desafios encontrados pelos ceramistas, muitas vezes, provocam questionamentos que levam a pesquisas arqueológicas sobre aspectos específicos de cada peça, como, por exemplo, a cadeia operatória de confecção da peça, os pigmentos usados, e etc. Da mesma forma, o conhecimento arqueológico sobre as peças e seus contextos vindos das pesquisas arqueológicas afetam a maneira como os ceramistas se relacionam com as cerâmicas, tanto no fazer das réplicas, buscando e agregando qualidade técnica, como no uso das referências arqueológicas em outras peças cerâmicas que produzem.

Esse encontro de saberes, que vem se dando de forma bastante simétrica, vem também impactando a visibilidade da coleção arqueológica, quer seja na própria comunidade científica do Museu Goeldi e da arqueologia amazônica em geral, quer seja entre ceramistas e outros artesãos e designers que se inspiram nas peças arqueológicas para suas criações.

Figura 5 – Estudo e reprodução artesanal de peças cerâmicas marajoaras por ceramistas do Projeto Replicando o Passado. Fotos: Acervo RTMFS/MPEG (2017).



Para além do artesanato, a cerâmica arqueológica marajoara, bastante expressiva no acervo do Museu Goeldi, também vem sendo uma referência importante para diferentes coletivos de Marajó que atuam na educação e no resgate da memória e tradições locais a partir da arte cerâmica. Se antes as referências visuais da cerâmica marajoara já se faziam presentes na arquitetura e na decoração das casas, agora projetos como o “Arte Mangue Marajó” e o “Mãos Caruanas”, ambos em Soure na ilha de Marajó, desenvolvem ações educativas com crianças e jovens com base no fazer de cerâmicas marajoaras, quer sejam réplicas, quer sejam peças com inspiração arqueológica. Entendendo a relevância do acervo marajoara do Museu Goeldi para esses projetos, a equipe de curadoria vem estabelecendo um diálogo com esses coletivos, no sentido de socializar o acervo a partir de ações que incluem desde visitas à reserva técnica até o fornecimento de materiais didáticos e de referência visual. Desta forma, reconhecendo o significado que as cerâmicas adquirem para as comunidades locais – simbolizando suas identidades regionais –, novas camadas de história vão se agregando às coleções do Museu.

Nesta dinâmica relação entre a arqueologia musealizada e seus públicos, é também preciso pensar a comunicação em torno de temas que propiciem o diálogo; que reconheçam os conhecimentos e os meios informais de comunidades locais de lidarem com seu passado e com seu patrimônio; e, sobretudo, estabeleçam meios de travar o diálogo de forma não impositiva, mas colaborativa. Nessa linha, também as plataformas digitais exibem um enorme potencial para linguagens que estimulam a interação e o aprendizado lúdico (BESSER, 1998; BONACCHI; MOSHENKA, 2015; THOMAS; MINTZ, 1998; TRINGHAM, 2004).

CONEXÕES VIRTUAIS: COMPARTILHANDO ACERVOS E CONSTRUINDO REDES

Em 2019, o Conselho Internacional de Museus (ICOM), ao celebrar o dia internacional dos museus, elencou o tema “Museus como núcleos culturais: o futuro da tradição” (*Museums as cultural hubs: The future of tradition*), reconhecendo que os museus não são mais instituições estáticas, e que estão se reinventando para se tornarem plataformas em que os visitantes podem co-criar, compartilhar e interagir (ICOM, 2019).

Para tal, as plataformas digitais têm se tornando uma ferramenta imprescindível para essa interação, podendo ir muito além da simples divulgação de catálogos digitais.

Como nos alertava Fiona Cameron em 2001, a diferença entre o ambiente museal, traduzido em virtual, e a internet, ou seja, entre visitas virtuais e a extroversão em linha, está justamente no dinamismo das narrativas possíveis. As soluções de visitação virtual atuais dependem ainda da tradução do ambiente real do museu para o mundo virtual. A internet traz novas maneiras de se conceber a relação com os públicos, diferentes do ambiente museal físico: ela é diferente - relacional, de forma livre e multidimensional, oferece inúmeras maneiras de engajar os usuários sobre os objetos musealizados por meio da criação de possibilidades temáticas. “Ao libertar objetos da narrativa tradicional e das estruturas de navegação, o acesso temático às coleções pode abranger uma abordagem mais dinâmica baseada no navegador. Também possibilita o estabelecimento de novas relações entre usuários e coleções, permitindo uma maior autonomia interpretativa por parte dos públicos” (CAMERON, 2001, p. 310, *tradução/interpretação nossa*).

Contudo, essas novas formas de interação com o público só são possíveis através de um trabalho prévio de virtualização dos acervos, uma tendência de museus científicos, antevistas para o século 21 (BESSER, 1997, 1998), e que também se justifica por uma questão de salvaguarda (ainda que digital) do acervo, tornada particularmente relevante no contexto brasileiro diante dos fatos recentes da destruição dos acervos do Museu Nacional (UFRJ) e do Museu de História Natural (UFMG).

No Museu Goeldi esse processo está em curso, avançando tanto na produção de materiais virtuais como no escaneamento 3D de certos objetos arqueológicos, quanto na formatação de um catálogo digital integrado que possibilite a extroversão e interação com o público. Contudo, as especificidades dos acervos do Museu Goeldi colocam desafios, a começar pela fragmentação da documentação existente em diferentes e pequenos bancos de dados digitais e arquivos em papel. A longa história de 150 anos de colecionamento, e o volume do acervo arqueológico com coleções que entraram no Museu em circunstâncias históricas e científicas bastante distintas, fazem com que tenham sido registrados de forma desigual e com objetivos distintos, e nem sempre visando sua extroversão.

A complexidade se dá também pelo fato de que grande parte do acervo é proveniente de extensos programas de pesquisa, a partir de práticas científicas que geraram uma grande riqueza de dados, pouco conhecida do público em geral. Ao decidirmos o quê extroverter virtualmente, percebemos que, muitas vezes, a informação mais interessante sobre o objeto não é as características do objeto em si, mas os dados a ele agregado, seu contexto de fabricação e uso, sua história de coleta, ou ainda sua história de vida após a musealização. Os significados desses objetos arqueológicos, portanto, extrapolam sua materialidade, ou visibilidade, e muitos outros registros são necessários para incluir o objeto arqueológico em um sistema digital que abarque a maior parte possível de seus múltiplos significados.

Os programas (softwares) para sistemas digitais de catalogação atualmente contemplam uma série de opções para a associação temática de registros multimídia, seja em torno do registro de um objeto ou justamente de um tema, seja em torno de palavras-chave. Assim, estamos trabalhando em um banco de dados em que o público possa ter também acesso a outras dimensões dos objetos, que possa fazer sua própria pesquisa e, a partir das buscas, fazer sua própria curadoria, inclusive adicionando outras narrativas à história dos objetos.

No Brasil, muitos museus têm encontrado formas criativas de comunicação dos acervos, seja através do engajamento digital e da ampliação de conteúdo em linha sobre

as coleções, seja por meio da atuação mais próxima junto à sua comunidade, inclusive com apoio a ações sociais junto a coletivos (SBM, IBRAM, 2020). Especialmente durante a pandemia do COVID-19, na qual a comunicação com o público ficou restrita à esfera virtual, vimos as redes sociais serem invadidas por postagens de museus de arqueologia, divulgando seus acervos e suas pesquisas.

No Museu Goeldi, no campo da extroversão ao público mais amplo, adaptamos o tradicional evento “Museu de Portas Abertas” – um programa anual do Museu voltado às escolas de ensino médio e fundamental, universidades e centros comunitários de Belém – para o formato virtual. Usualmente é um momento em que se abrem as reservas, se mostram as coleções e os laboratórios de pesquisa ao público. Com o contexto da pandemia, houve a necessidade de produzir conteúdos digitais atraentes para serem exibidos e discutidos em “lives”, para que fosse possível, mesmo com portas fechadas, aproximar o público e as coleções de forma interativa.

Ainda se valendo da comunicação virtual e seguindo as orientações do SBM/IBRAM, que versam sobre a atuação mais próxima dos museus junto às comunidades, inclusive com apoio a ações sociais no combate à pandemia de Covid-19, foram desenvolvidas duas grandes campanhas de apoio, junto àquelas comunidades que possuem laços estreitos com as pesquisas e as coleções: no alto Xingu com os povos Kuikuro (amazonhopecollective.org), onde se desenvolve o projeto de pesquisa já referido acima; e na boca do Xingu/Marajó, com as comunidades quilombolas de Gurupá, onde atua o projeto OCA (LIMA *et al.*, 2020). Essas campanhas foram divulgadas tanto no site e redes sociais do Museu Goeldi como nas redes sociais em geral.

Entende-se assim que a ressignificação dos acervos e sua extroversão de forma virtual passa também pelo estreitamento de laços sociais, solidários e afetivos com as comunidades para as quais esses acervos mais importam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FUTURO DA TRADIÇÃO

Ao complexificar os processos de geração, de gestão e de comunicação dessas coleções, nos deparamos com a necessidade de repensar nossas políticas de acervos como um todo. Aqui, ao compartilhar nossas reflexões sobre as possibilidades de ressignificação de acervos como política curatorial, esperamos contribuir para a construção de novos olhares sobre a missão das instituições museais em salvaguardar e socializar seus acervos arqueológicos.

Coleções de grandes e antigas instituições, como as do Museu Goeldi, contam com uma verdadeira tradição na curadoria de seus acervos, com práticas e protocolos já bem sedimentados. Mas, é preciso ter a audácia de repensá-la e transformá-la, com vistas a garantir um futuro mais condizente com sua função social, que seja mais inclusiva, multivocal e decolonial.

Almejamos, para os próximos anos do Museu Goeldi, que essas novas camadas de leitura e conhecimentos agregados às suas coleções culturais sejam conectadas e, portanto, mais relevantes a públicos diversificados. Uma referência da museologia social expressa na Mesa redonda de Santiago do Chile (ICOM), há 50 anos, já clamava por um museu para as comunidades:

Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviços dos homens. Em vez do museu “de alguma coisa”, o museu “para alguma coisa”: para a educação, a identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para uma comunidade, função dessa mesma comunidade (JULIANO, 2006, p. 27).

Apesar de recuada no tempo, o desafio de seguir essa trilha segue renovado, sobretudo em um momento em que os processos de exclusão social também se renovam (CHAGAS *et al.*, 2018). O novo rumo dado à política de acervo do Museu Goeldi, ainda em seu trajeto inicial, almeja o museu para as comunidades, afinado com práticas arqueológicas “pelas gentes” (ROCHA *et al.*, 2013), mas também mira para, ao longo do século 21, tornar-se o museu com as comunidades, incluindo cada vez mais a colaboração e a construção conjunta de conhecimentos com os diferentes coletivos para os quais os acervos importam.

AGRADECIMENTOS

Cooperação: é preciso dizer que todo o planejamento e movimentação do acervo somente tem sido possível com a ajuda de uma equipe fantástica, formada não somente pela curadoria do Museu (atualmente contando com apenas quatro pessoas), mas, também, por um grupo de professores, estudantes, estagiários e voluntários dos cursos de Museologia e de Conservação e Restauro, do mestrado em Ciências do Patrimônio, da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do mestrado em Diversidade Sociocultural do PPGDS/MPEG, aos quais somos muito gratos.

O projeto de pesquisa que agrega toda essa equipe se intitula “Estudos de curadoria, conservação e socialização da coleção arqueológica do Museu Goeldi”. Por ser um trabalho coletivo, consideramos importante citar todos nomes dos integrantes, a começar por Camila Fernandes e Leonardo Lopes Machado (servidores do MPEG, equipe técnica de curadoria da RTMFS); Lucas Melo da Silva e Elber Arthur Costa Menezes (ambos bolsistas PIBIC/MPEG); além do fundamental trabalho voluntário de Marcelle Rolim e Michel Carvalho (PPGDS/MPEG); Flávia Palácios, Lorena Porto Maia e Jaiane Lima da Silva (PPG Ciências do Patrimônio/UFPA); e Christiane Santos, Anna Clara, Anna Beatriz da Silva Cardoso e Carolina de Paula (curso de museologia da UFPA).

Os recursos financeiros para melhoria infraestrutural são provenientes de diferentes projetos: “Um Museu de Grandes Novidades: Salvaguarda e Virtualização dos Acervos Centenários do Museu Goeldi”, aprovado pelo Fundo de Direitos Difusos (FDD), do Ministério da Justiça; “Modernização e ampliação da infraestrutura das coleções científicas e laboratórios de pesquisa e ensino da Coordenação de Ciências Humanas/MPEG”, pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP); e “Coleções Culturais do MPEG: inovação tecnológica e ampliação do acesso aos acervos linguísticos, arqueológicos e etnográficos (LabHumanas)”, igualmente apoiado pela FINEP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACERVOS DA SAB, GT. Recomendações de Ouro Preto/abril – 2017 - Fórum de Arqueologia da SAB – Acervos Arqueológicos. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2[19], p. 2-5, 30 nov. 2017.
- BARRETO, Cristiana. Corpo, Comunicação e Conhecimento: Reflexões para a Socialização da Herança Arqueológica na Amazônia. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n.1, p.112-128, 2013.
- BESSER, Howard. *Integrating collections management information into online exhibits: the world wide web as a facilitator for linking 2 separate processes*. Trabalho apresentado na conferência Museums and the Web 1997, 16–19 Março 1997. Disponível em: <http://www.archimuse.com/mw97/speak/besser.htm>
- BESSER, Howard. The transformation of the museum and the way it's perceived. In: K. GARMIL-JONES, K. (ed.). *The wired museum emerging technology and changing paradigms*. Washington (DC): American Association of Museums, 1998, p.161-192.
- BEZERRA, Marcia. As moedas dos índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, p. 57- 70, 2011.
- BEZERRA, Marcia. As Cores do Passado na Amazônia: o patrimônio arqueológico no artesanato da Vila de Joanes, Ilha do Marajó, Brasil. *Amazônica, Revista de Antropologia*, v.6, n. 2, p. 418-441, 2014.
- BONACCHI, Chiara; MOSHENKA, Gabriel. Critical reflexions on digital Public Archaeology. *Internet Archaeology*, 40. 2015. <https://doi.org/10.11141/ia.40.7.1>.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. As expedições e os museus: Reciprocidades e promiscuidades. *Revista Habitus*. Goiânia, v. 17, n.1, p. 7-24, jan./jun. 2019.
- CABRAL, Mariana Petry. “E se todos fossem arqueólogos?”: experiências na Terra Indígena Wajãpi. *Anuário Antropológico II*, p.115-132, 2014.
- CABRAL, Mariana Petry. No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta. *Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 12, n.2, p.331-332, 2015.
- CABRAL, Mariana Petry; PEREIRA, Daiane; BEZERRA, Marcia. Patrimônio Arqueológico da Amazônia: a pesquisa, a gestão e as pessoas: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n.38. p. 247-268, 2018.
- CAMERON, Fiona. Wired collections – the next generation. *Museum Management and Curatorship*, vol. 19, n. 3, p. 309–315, 2001.
- CHAGAS, Mário; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia* v. 55, n.11, p.73-101, 2018.
- CURY, Marília Xavier. Museologia, Comunicação Museológica e Narrativa Indígena: a Experiência do Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 1, p. 49-76, 26 abr. 2012.
- DOS REIS, José Alberione; CABRAL, Mariana Petry. Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso? *Vestígios-Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2018.
- FAUSTO, Carlos. Entre o passado e o presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu. *Revista de Estudos e Pesquisas* v.2, n.2, p. 09-52, 2005.
- FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael [orgs.] *Os povos do Alto Xingu – História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

- FRANÇOSO, Mariana; VAN BROEKHOVEN, Laura. Dossiê "Patrimônio indígena e coleções etnográficas". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v.12, n. 3, p.709-711, 2017.
- GARCÉS, Claudia Leonor López, DE ROBERT, Pascale; COELHO-FERREIRA, Márlia. Pesquisas científicas em colaboração com povos indígenas: uma tradição de diálogos e inovações metodológicas no Museu Goeldi. In: VIEIRA, Ima Célia Guimarães; DE TOLEDO, Peter Mann; JUNIOR, Roberto Araújo Oliveira Santos (Eds.) *Ambiente e sociedade na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar*. Garamond, 2014, p.407-431.
- HECKENBERGER, Michael. *The ecology of power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. Psychology Press, 2005.
- HECKENBERGER, Michael J.; KUIKURO, Afukaka; KUIKURO, Urissapá Tabata. Amazonia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland? *Science* v. 301, n.5640, p. 1710-1714, 2003.
- HECKENBERGER, Michael J.; RUSSEL, J. Christian; FAUSTO, Carlos. Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes and the Future of the Amazon. *Science*, n. 321, p.1214-1217, 2008.
- ICOM. Museums as cultural hubs: the future of tradition. 2019. Disponível em: [#IMD2019 Museums as Cultural Hubs: The future of tradition - ICOM](#).
- IPHAN. Política do Patrimônio Cultural Material. Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização. 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/publicacao_politica_do_patrimonio.pdf.
- JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história dos museus. In: NASCIMENTO, Silvânia Sousa do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mário. *Cadernos de diretrizes museológicas* 1. 2º ed. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.
- LIMA, André Penin Santos de. *Academia, contrato e patrimônio: visões distintas da mesma disciplina*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2010.
- LIMA, Helena P.; BARRETO, Cristiana; FERNANDES, Camila. Museus no século 21: ações para a salvaguarda e socialização do acervo do Museu Goeldi. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 145-161, 2018.
- LIMA, Helena P.; CUNHA, C. M. S. Reassessing museum archaeological collections: unprecedented osteological and ceramic data for the Sucuriçu site at the Urubu River, Central Amazon, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, v. 12, p. 649-665, 2017.
- LIMA, Helena P.; BARRETO, Cristiana; TAVARES, Fernando.; BOTELHO, Grábielle; MORAES, Bruno, HARPER, Kyle; & BENATHAR, Cássia. L. OCA: Uma proposta de arqueologia colaborativa em Gurupá. *Revista Arqueologia Pública*, v. 14, n.1, p. 96-128, 2020.
- LIMA, Helena P.; SHEPARD, Glenn H. *Amazonian Archeology in the 21st Century, Dialogues with Historical Ecology and Ethnography*. Londres: Royal Anthropological Institute. (no prelo).
- MACHADO, Juliana Salles. História (s) indígena (s) e a prática arqueológica colaborativa. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n.1, p. 72-85, 2013.
- MACHADO, Juliana Salles. Arqueologias Indígenas, os Laklânō Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n.1, p. 89-119, 2017.
- MAIA, Lorena Porto; SANJAD, Thais; LIMA, Helena P. A teoria contemporânea do restauro e a recuperação de cerâmicas arqueológicas da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. (no prelo).
- MILHEIRA, Rafael Guedes *et al.* Manual de gestão da reserva técnica sob a salvaguarda do LEPAARQ-UFPEL. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2 [19], p. 25-42, 2017.

- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. Plano Diretor 2017-2021. Belém, 2017. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/o-museu/plano-diretor-institucional-pdi.pdf>.
- NEVES, Eduardo Góes. The Heart of Lightness: Doing Archaeology in the Brazilian Central Amazon. In: SILLIMAN, S. (ed.) *Engaging Archaeology: 25 Case Studies in Research Practice*. John Wiley & Sons, Inc., 2018. p.79-86.
- PARDI, Maria Lúcia Franco. *Gestão de patrimônio arqueológico, documentação e política de preservação*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do laboratório de arqueologia Peter Hilbert. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2 [19], 2017.
- PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa Arqueológica: Panorama dos últimos dezessete anos. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v.4,n.1, p. 171-190, Jan-Abr 2009.
- ROCHA, Bruna C.; JÁCOME, Camila.; STUCHI, Francisco F.; MONGELÓ, Guilherme Z.; VALLE, Raoni. Arqueologia pelas gentes: um manifesto. constatações e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 1, p. 130-140, 4 jul. 2013.
- ROCHA, Bruna C.; BELETTI, Jaqueline; PY-DANIEL, Anne R.; MORAES, Claide de Paula; OLIVEIRA, Vinicius. H. Na Margem e à Margem: arqueologia Amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v.6, n.2, p. 358-384, 2014.
- ROSADO, Alessandra. *Tópicos em conservação preventiva: Manuseio, embalagem e transporte de acervos*. Belo Horizonte: LACICOR–EBA–UFMG, 2008. 30 p.
- SBM, IBRAM. *Recomendações aos museus em tempos de covid-19*. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Recomendacoes_Museus.pdf
- SALES, Taynara Soares; VICENTE, Bianca Cristina Ribeiro. Urnas da Cultura Maracá: Estudo e conservação preventiva no Museu Paraense Emílio Goeldi. *Anais do V Seminário de Preservação de Patrimônio Arqueológico*, Rio de Janeiro: MAST, 2019, p.342-362.
- SCHAAN, Denise Pahl. Entre a tradição e a pós-modernidade: a cerâmica marajoara como símbolo da identidade 'paraense'. In: MAUÉS, H. R.; MACIEL, M. E. (eds.), *Diálogos antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias*. Belém: L & A Editora, 2012. p. 119-150.
- SILVA, Fabíola Andréa. *As tecnologias e seus significados*. Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapo-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Diss. Universidade de São Paulo. 2000.
- SILVA, Fabíola Andréa. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Catete. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 2.1, 2007, p. 91-103.
- SILVA, Fabíola Andréa. Mito e arqueologia: a interpretação dos Asuriní do Xingu sobre os vestígios arqueológicos encontrados no parque indígena Kuatinemu - Pará. *Horizontes Antropológicos*, v.8, n. 18, 2002, p. 174-187. <https://doi.org/10.1590/S0104-7183200200020000>
- SILVA, Leticia Dutra Romualdo; SILVA, Martha Maria de Castro. Acervos arqueológicos pré-históricos. O inventário como ferramenta essencial de política de gestão. In.: Campos, G.N. e Granato, M. (Ogs.) *Anais do IV Seminário de Preservação de Patrimônio Arqueológico*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). 2016, p. 389-400.
- SILVEIRA, Maura Imázio; DUTRA, Vanessa de Castro; SILVA, Camila Fernandes Alencar; FERREIRA, Regina Maria de Farias; JALLES, Cíntia. Coleções arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Panorama da reserva técnica e os desafios da conservação. In:

- CAMPOS, G.N. e GRANATO, M.(eds.). *Preservação do patrimônio arqueológico: desafios e estudos de caso*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017, p. 169-191.
- SIMAS, Maria. Conservar é conhecer: desafios à conservação das coleções arqueológicas e etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Relatório de bolsa referente ao Programa de Capacitação Institucional – PCI/MPEG/CNPq*, Manuscrito não publicado, 2017.
- SIMAS, Maria Santana; ROSA, Cassia Da; BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena Pinto. A fragment in each institution: the dispersion of Dita Acatauassu Marajoara Archaeological Collection (Amazonia, Brazil). *Conservar Patrimônio*, v. 31, p. 1-8, 2019.
- SIMÕES, Mário F. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica. *Acta Amazônica*, v. 7, n. 3, p. 297-300, 1977.
- SHEPARD JR, Glenn H.; GARCÉS, Claudia Lopes; ROBERT, Palcale de; CHAVES, Carlos Eduardo. Objeto, sujeito, inimigo, vovô: um estudo em etnomuseologia comparada entre os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa do Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 3, p. 765-787, 2017.
- THOMAS, Selma; MINTZ, Ann (eds.). *The virtual and the real: media in museums*. Washington (DC): American Association of Museums, 1998.
- TRINGHAM, Ruth. Interweaving digital narratives with dynamics archaeological databases for the public presentation of cultural heritage. In: *Enter the Past. The E-way into the four Dimensions of Cultural Heritage*. W. Borner, J. Ehrenhofer e M. Goriany. Oxford, BAR International Series 1227: 2004, p. 196-199.
- VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett; ALCÂNTARA, Tainã Moura. Com quantas caixas se faz uma reserva técnica? Um relato de experiência sobre a gestão dos acervos arqueológicos no MAE/UFBA. *Revista Arqueologia Pública*, v. 11, n. 2 [19], 2017: p. 153-165.
- VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett; GRANATO, Marcus. A noção de integridade aplicada à conservação e restauro de bens culturais móveis: alguns antecedentes e desdobramentos. *Revista CPC*, n. 23, 2017: p. 93-113.
- VELTHEM, Lucia Hussak van; GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. Patrimônios entrelaçados: coleções etnográfica e arqueológica. In: SANJAD, Nelson, VELTHEM, Lucia Hussak van (eds.) *Reencontros: Emílio Goeldi e o Museu Paraense*, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006, p. 27-37.
- VELTHEM, Lucia Hussak van.; PEREIRA, Edithe.; GALUCIO, Ana Vilacy. Acervos culturais do Museu Paraense Emílio Goeldi: 150 anos de história e perspectivas futuras. In: GALUCIO, Ana Vilacy, PRUDENTE, Ana Lúcia (eds.) *Museu Goeldi: 150 anos de ciência na Amazônia*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 2019, p.272-290.
- WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. *Museus e antropofagia do patrimônio arqueológico: (des) caminhos da prática brasileira*. Lisboa: Tese (Doutorado), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Departamento de Museologia, 2010.